

Sul Global em Dólar e Silêncio: Nota do GECI sobre o Encontro da ABRI 2025

Existe uma variável central em pesquisas sobre os países árabes e Oriente Médio, principalmente quando o tema é a chamada Questão Palestina: a cisão entre os interesses das elites políticas e os das sociedades civis, chamadas de “ruas árabes”. Para quem está habituado com a temática, não passou despercebido o seu reflexo no encontro da Associação Brasileira de Relações Internacionais (ABRI), em São Paulo, ocorrido na Universidade de São Paulo, entre 21 e 24 de julho.

A cada dois anos, o encontro da ABRI se firma como um marco importante em nossa agenda acadêmica. A edição mais recente, contudo, realizada na USP em parceria com a International Studies Association (ISA), deixou uma série de questionamentos que merecem ser compartilhados e debatidos abertamente por nossa comunidade acadêmica. A impressão que se tem é que a decisão de realizar o evento em parceria com a International Studies Association (ISA), sediada nos Estados Unidos, com a Universidade de Birmingham, do Reino Unido, e com patrocínio da Konrad-Adenauer, fundação política alemã que atua baseada nos valores da União Democrata-Cristã (CDU), trouxe consigo uma série de imposições que nos afastam da tradição da ABRI. Aliás, não deixa de ser contraditório o fato de que o pagamento da inscrição deveria ser em **dólar** para um evento cujo tema central é o Sul Global, sediado no Brasil.

Essa mesma associação que premiou duas teses sobre Palestina nos últimos anos se aliou a uma associação internacional que tem recebido diversas críticas a respeito de sua cumplicidade com visões pró-Israel; que não aprovou a moção de professores e pesquisadores pró-Palestina apoiando o movimento de Boicote, Desinvestimento e Sanções (BDS); e que tem se calado sobre os casos de perseguição a acadêmicos pró-Palestina em universidades estadunidenses. Em Assembleia Popular ocorrida em março de 2025 durante o Encontro Anual da ISA, em Chicago, membros da associação votaram de forma unânime por BDS a Israel, mas foram silenciados pela direção.

Ao longo do Encontro da ABRI de julho de 2025, enquanto jovens pesquisadores e pesquisadoras comentavam, em diferentes painéis e minicursos, de forma direta ou indireta, sobre o genocídio na Faixa de Gaza, a organização da Conferência não dedicou uma única mesa temática ao assunto. Além da morte de milhares civis e da fome imposta sobre crianças, o genocídio israelense tem sido responsável por destruir todos os espaços de produção de conhecimento científico. O “escolasticídio” promoveu a destruição de todas as universidades palestinas em Gaza, o assassinato de milhares de colegas e o apagamento da memória.

Mas, se isso não bastasse para atingir fortemente a credibilidade da ABRI, o evento de abertura do encontro ocorreu no **Consulado Britânico em São Paulo**, com um número limitado e seletivo de pessoas. Necessário dizer que o Reino Unido tem sido um dos maiores apoiadores materiais - inclusive com armas -, diplomáticos e ideológicos do genocídio palestino. O governo inglês classificou como terrorista o movimento de solidariedade “Palestine Action”. Nos EUA, país sede da ISA, diversos docentes e discentes foram expulsos de instituições de ensino superior por demonstrar solidariedade com a causa palestina. Além disso, diversos participantes do Encontro ABRI-ISA residentes dos EUA, que se mobilizaram politicamente desde o início do genocídio em Gaza, desistiram de vir por temerem serem barrados no retorno ao país. Em um cenário onde as universidades sofrem ataques incessantes e professores estão sendo perseguidos - inclusive no Brasil - o maior encontro de Relações Internacionais do país expôs um **silêncio ensurdecedor sobre o genocídio em curso em Gaza**.

É inadmissível que um fórum que se propõe a discutir desenvolvimento e diplomacia no Sul Global consiga não apenas ignorar uma das maiores catástrofes humanitárias e geopolíticas de nosso tempo, mas também se aproximar dos seus perpetradores. A ausência de qualquer mesa ou debate sobre a barbárie em Gaza levanta dúvidas sobre a suposta vocação crítica e engajada da academia de Relações Internacionais

brasileira. Nenhuma outra questão, sejam ambientais, tecnológicas ou diplomáticas, podem ser dissociadas do genocídio em curso.

É imperativo que a academia não se curve a conveniências diplomáticas ou parcerias que esvaziam seu potencial crítico e que a solidariedade no Sul Global seja genuína. Nossa realidade demanda o debate sobre as urgências do mundo e questionar o horizonte dominante. Essa edição do evento nos deixou uma lição: a forma como nos organizamos e os temas que escolhemos abordar refletem diretamente nossos valores e nosso compromisso em atuar como agentes de mudança em um mundo complexo, desigual e injusto. O silêncio, nesse contexto, é também um posicionamento político que não pode ser tolerado e reproduzido.

Grupo de Estudos sobre Conflitos Internacionais